

(Relatório interno do terreiro)

Terreiro Santo Antonio dos Pobres
Ilé Asé Baru Lepé

Rua Sion, Lote 07 – Parque Fluminense, Duque de Caxias – RJ cep. 25041-270 tel. (21)2673-5515/9751-0737 CNPJ Nº 07.663.521/0001-78

RELATÓRIO DO TERREIRO SANTO ANTÔNIO DOS POBRES **ANO 2005**

I – INTRODUÇÃO

Os terreiros de candomblé devem ser ambientes de vida comunitária do culto afro-brasileiro de grande expressão. Além das atividades caracteristicamente religiosas, precisam desempenhar ações de cunho socioeconômico e cultural de grande valor, nas comunidades em que se encontram. Precisam se constituir como verdadeiros pólos de prestação de serviços à circunvizinhança, o que os identifica como referência local.

Movidos por razões historicamente explicadas, como, perseguição e repressão policial, busca de ambientes naturais para desenvolvimento do culto, além do baixo poder aquisitivo para compra de terrenos nos grandes centros urbanos, os terreiros de candomblé se apresentam com maiores densidades nas áreas periféricas da cidade.

A periferia pode estar localizada próximo aos grandes centros urbanos. Porém, se apresenta com os menores índices de habitabilidade. Sua população é tipicamente constituída de moradores sem condição de vida digna, e as residências são diferenciadas das demais pelas pequenas dimensões e superlotação. É, portanto, detentora das maiores taxas de adensamento populacional da cidade.

Essas áreas, atualmente se apresentam em sua quase totalidade, habitadas por população de baixa renda. Sua população é submetida a um processo de exclusão dos direitos à cidadania, como a falta de saneamento básico, atendimento público médico-hospitalar. É assinalada pela alta incidência de desemprego e baixo acesso à educação formal.

Dentro da nossa comunidade o culto e hoje com novo Estatuto e Diretoria (instituições juridicamente constituídas) precisamos desempenhar importante papel nas circunvizinhanças a que pertencemos. Buscando a melhoria da qualidade de vida a partir da oferta de assistência social, atividades culturais e defesa dos direitos comunitários. Esses são objetivos constantes do nosso Estatuto. Nesse sentido, nosso terreiro pode ser referenciado, dentro das mais diversas formas de prestação de serviços comunitários.

II – HISTÓRICO DO BABALORIXÁ VALDEMIRO DE XANGÔ – BAIANO DE XANGÔ

VALDEMIRO COSTA PINTO

Nascido na rua da Graça, bairro de São Pedro, cidade de São Salvador, na Bahia no dia 13 de dezembro de 1928. De família pobre, filho de Eugênia Alcântara Pinheiro que precisou trabalhar de ama de leite, ganhando quinze mil réis por quinzena para sustentá-lo. Teve uma infância muito sacrificada, sem tempo para brincar, passear e folgar como toda criança. Nunca teve aniversário nem brinquedos, nem infância. Nasceu trabalhando, antes de completar sete anos, já carregava trouxas de lavadeira e aos dez anos vendia cabeça de boi no matadouro do Retiro.

Sua família era católica por tradição e muito devota, aos sábados seus avós por parte de mãe reunia a família e alguns vizinhos para rezar o terço de Nossa Senhora confessando e comungando todos os domingos. Porém, possuía um tio, irmão de seu pai que tinha um problema de ordem espiritual, pois, sempre que se matava um porco em casa, ele “pegava” um “negócio”, que fazia com que corresse para o mato e ficasse dias sem falar nem conhecer ninguém.

Seu pai morreu por não querer “fazer Santo”, e sua mãe foi pelo mesmo caminho. Valdemiro nunca foi de frequentar igreja. Apanhou muito para aprender a fazer o “Pelo Sinal” e a rezar o “Creio em Deus Padre”, o Pai Nosso e a ave Maria e, nem assim, conseguiu aprender ficando assim, muitas vezes ajoelhado de castigo em cima de caroços de milho. Seu problema era só com a religião pois as outras coisas ele aprendia com facilidade.

Nesta época ele, ainda pequeno, morava num bairro chamado São Felipe, seu pai tinha morrido deixando sua mãe grávida de uma menina. Sendo assim, foram morar na casa de seu avô. Pouco depois sua mãe morreu. Ficou morando com seu avô que morreu em seguida junto com sua avó. Parece que todos que se encarregavam de sua criação morriam, pois logo depois morreram seus padrinhos que estavam, até então, responsáveis por sua criação.

Com a morte de sua madrinha voltou para Salvador, para a casa de uma tia, onde conheceu uma Mãe de Santo chamada Angélica de Zazi, que “tocava” um Candomblé. Ele fugia de casa pra assistir o candomblé de Dona Angélica e quando voltava pela manhã era recebido com uma surra. Uma vizinha chamada Maria Francisca vendo o muito que apanhava, morria de pena. Um dia ela disse: -“Vadú (este era seu apelido), domingo tem Candomblé na casa de meu Pai de Santo, você não quer ir comigo? –“A senhora me levando eu vou e se tiver lugar pra eu ficar eu não volto mais”, respondeu.

Foi então que Dona Francisca o levou para a casa de Cristóvão que era o seu pai de Santo e lá ficou morando durante quatro anos, vendendo acaçá para ele, dois por tostão. Todos os dias vendia de quarenta a cinquenta mil reis de acaçá e o dinheiro era todinho entregue a Cristóvão que nunca lhe dava um tostão pelo seu trabalho. O acaçá era feito de pedra, à moda antiga. Tinha a pedra e a mão de pedra um belo dia a mão de pedra sumiu e ficaram a procura de outra mão de pedra para ralar o milho e ninguém achava. Foi quando, subindo a ladeia do Papagaio, no Rio Vermelho, Valdemiro deu ma topada numa pedra. -“Que pedra boa pra fazer mão de pedra!”(Pensou). Pegou a

pedra, botou no tabuleiro que já estava vazio e levou. Chegando na roça ele disse: “Meu Pai Cristóvão, olha a pedra que eu trouxe pra fazer a mão de pedra para ralar o milho“. Quando entregou a pedra que havia achado, Cristóvão respondeu: “Isso é pra fazer mão de pedra menino? Runhó, olhe a pedra que Vadú trouxe para fazer mão de pedra! Mansú, venha ver! Mãe Maliquinha venha ver a pedra!” E ficou todo mundo olhando e rindo de sua cara. Cristóvão pegou a pedra e disse: -“Vai servir pra tu mesmo!” e depois guardou. Aquilo não lhe cheirava nem fedia, menino da Bahia naquele tempo não era sabido como menino de hoje!...

Apesar de nunca ter tomado um “banho de folhas”, Vadú, já ajudava a fazer ebó, acarajé, ekurú e tudo quanto era comida de Santo. O tempo passou, passou, passou... Um dia Criatóvão mandou pegar um galo para dar comida a Exu. Vadú deixou o bicho fugir. Então, Cristóvão lhe deu uma coça. Sendo assim, Vadú foi embora para a casa de Dona Francisca, pois em lugar onde apanhava ele não ficava, nesta época ele tinha mais ou menos quatorze anos. Em seguida foi morar com uma tia no bairro da Liberdade. Uma de suas primas morreu por provocar um aborto. Três meses depois Valdemiro sofrendo de uma dor no estômago procurou uma sessão espírita de um homem por nome “Seu Dudu”. Lá, um espírito “pegou” uma mulher e disse ser sua prima que estava ocasionando aquele mal. Deram-lhe remédio, fizeram uns “negócios”, mas a dor não melhorou. Foi aí que Aurélia irmã de santo de Madalena de Nanã, filha de “Seu” Álvaro do Pé Grande levou Valdemiro para jogar com “Seu” Rufino orientando para que o mesmo fizesse Santo. Sem dinheiro para fazer santo recebeu promessa de ajuda do Sr. Dé de Obaluaê que se ofereceu para ser seu pai pequeno. Devido a um desentendimento com a finada Kiumbanda de Iansã do primeiro barco de Rufino não quis mais fazer santo lá. Em seguida a dor voltou e Aurélia, desta vez, o levou na casa de Paulo Brongo... “-Era santo pra fazer!”. Foi jogar na casa do Sr. Álvaro e ele disse “-Menino, você tem é Xangô pra fazer! Seu Santo já está em casa! Eu vou lhe dar um bori que é pra melhorar, mas seu Santo já está em casa!”. Perguntou: “- Meu Santo já está em casa como?”. Respondeu Sr. Álvaro: “-É sim, você já tem Santo, ele já está em casa!”. O que o deixou intrigado.

Após ter tomado um bori com o Sr. Álvaro continuou com a mesma dor, resolveu procurar o Pai Cristóvão, pois de lá não saiu brigado. Lá chegando escabreado e com medo tomou benção. Cristóvão o abençoou e perguntou o motivo da visita. Respondeu que estava doente e magro com dor na barriga que só melhorava com chá de canela de velho. Quando Cristóvão pegou o jogo fez: “-Kawô Cabiecile! Eu sabia que você voltava! Sabia porque o seu Santo está aqui em casa!”. Intrigado pensou: “- Que Santo que está aqui? Nunca fiz nada de Santo aqui!”. Foi então que Cristóvão foi lá dentro e voltou em seguida com a bendita pedra que ele tinha levado para fazer o acaçá. Perguntou: “- Você conhece isso aqui? –Esta é a pedra que eu trouxe para ralar o milho! – Respondeu – É seu Santo – disse Cristóvão – que está aqui lhe esperando!”

Foi então que resolveu fazer o Santo e para isto foi trabalhar no Retiro. Na Bahia se fazia “caixa” que é um “rolo” de dinheiro que se faz. Por exemplo: tem dez televisões, todos se inscrevem e contribuem com uma mensalidade e cada mês um tira a sua. O prêmio das caixas que se fazia era sempre em dinheiro. E assim, preparou-se para fazer o Santo. Só queria seu prêmio no último número. Fez todo tipo de caixa que havia, por semana, por mês, juntando dinheiro para fazer o Santo. Quando conseguiu o suficiente foi na

casa de Cristóvão e fez o Santo. Ficou lá um ano inteirinho, quando desceu da roça já tinha feito a obrigação de um ano. Na sua feitura tinha muita gente, como também no dia do “nome do Santo”. Muita gente já morreu, mas ainda tem muitos vivos. Como: Maçu d’Oxum, Gaiacú Nicinha do Bogun, Mariinha de Nana e muitos outros.

Certo dia, ao sair escondido para assistir um Candomblé na Casa de Roko, deu um nó na camisa para que o Santo não o pegasse e assim ficou espiando o Candomblé. Não funcionou a estória do nó e quando acordou já era outro dia. Isso provocou um grande aborrecimento. Mãe Celina, mulher de Cristóvão, ficou muito zangada e quis lhe bater e por causa disso foi mandado embora sem ter para morar. Foi aí que resolveu ficar morando na casa de Roko. E ali ficou por quatro anos. Arrumou um emprego num restaurante na rua da Ajuda e ficou morando dentro da casa de Candomblé ajudando em tudo, levando ebô, quinando folha... A mãe de Santo era sozinha e contava com a ajuda da mãe Pequena, ficou ajudando e aprendendo e só depois de quatro anos veio para o Rio de Janeiro com mais ou menos vinte anos. Já conhecia Joãozinho da Gomeia por quem tinha muita amizade e o chamava sempre para vir morar no Rio. Juntou dinheiro para viagem. Deixou com Cristóvão guardado e ele gastou. Depois fez as pazes para que o trouxesse para o Rio, pois não conhecia nada e tinha medo de vir sozinho. Juntou outra vez o dinheiro da passagem e deu novamente a Cristóvão que as comprou e assim viajaram chegando ao Rio numa sexta-feira às três horas da tarde e às seis horas sendo colocado na rua por Cristóvão por motivos que vão valem a pena relatar.

Foi levado até a casa de Joãozinho da Gomeia por Dona Dilú. Chegando lá reconheceu mãe Chica, antiga conhecida da Bahia. Conversaram muito. Em seguida conversou com Seu João. Não teve coragem de contar o acontecido. Por volta de uma hora da madrugada acompanhou Dona Dilú até em casa que ficava num lugar muito deserto. Chegando lá ela disse: “Já é tão tarde, dorme aqui!” – não tendo onde dormi aceitou o convite – Ganhou uma cama tão boa e ainda um radinho de cabeceira, coisa que nunca tinha possuído. Pela manhã foi comprar ração para criação de Dona Dilú. Tomou café, cuidou da criação e depois desceu para abrir uma barraca de sua propriedade. Pouco depois ela começou a destrinchar um fato de boi e pediu ajuda. –“ Para que é isso? Perguntou curioso. “É para fazer angu à baiana”. “Angu a baiana? O que é?” “É comida mineira que dizem ser da Bahia!”.

Logo Valdemiro estava picando bofe, coração e tudo mais ficou ali com ela ajudando a preparar o “angu a baiana”. Na Bahia ele já havia trabalhado de cozinheiro e não teve nenhuma dificuldade em aprender a fazer um novo prato. Trabalharam o dia todo atendendo a freguesia na barraca e servindo a homens e mulheres que por ali transitavam. Já era muito tarde quando, depois de fecharem a barraca, foi leva-la em casa, onde tornou a pernoitar. Na segunda-feira, explicou a Dona Dilú o porque de sua permanência na casa dela e pediu que ensinasse como chegar à casa de um amigo que morava na rua Júlio do Carmo n.º 218. Dona Dilú ensinou como chegar lá. Quando ele entrou no trem deu um “toro” parecendo que o mundo ia acabar. Desceu na estação da Leopoldina e como estava tudo alagado, o bonde não passava. Arregaçou as calças e foi andando de pé. Quando chegou no Hospital São Francisco de Assis, avistou seu amigo Gilberto atravessando a rua. –“Menino, que esta fazendo aqui no meio de tanta água?” – “Vim com meu Pai Cristóvão mas ele me botou pra fora e não tenho onde ficar”.

Gilberto o para casa e Valdemiro ficou dormindo na vaga de seu irmão. Naquela mesma semana arrumou um trabalho de cozinheiro no Balneário Hotel Londres de Copacabana que era na rua Domingos Ferreira n.º 123, e ali trabalhou por dois anos. Alugou uma casa na rua São Pedro, em São João de Meriti e trouxe Bobó da Bahia para morar com ele. Arrumou outro emprego, para ganhar melhor, na rua da Lapa, num restaurante onde travou conhecimento com as mulheres que transitavam por lá. Quando elas souberam que ele ganhava quinhentos cruzeiros por mês e descontava a comida, ofereceram mil cruzeiros com direito a casa e comida para trabalhar numa pensão. Como a proposta era boa, aceitou o emprego e só depois ficou sabendo que era uma casa de tolerância.

Trabalhou ali durante dois anos e só saiu porque o Secretário de Segurança da época (Zilton Jorge ou Frota Aguiar), mandou a policia fechar aquilo tudo e só deu tempo para fugir. Depois foi trabalhar na casa de um jornalista, Cláudio Medeiros Lima, um dos fundadores da “Última Hora”. Dali só saiu para abrir uma pensão de comida na zona do baixo meretrício, na rua Visconde Duprat n.º 28. Ali arrumou a vida, trabalhando, fazendo e vendendo comida. Foi então que alugou uma casa no morro do Pinto, na rua Farnezi 70. Sua participação no Candomblé era ajudar na casa de Seu João da Goméia. Estava afastado da casa de Cristóvão que, na época, ainda era na Vila São Luiz, só se transferindo mais tarde para o Pantanal de Caxias.

Seu João já estava estabelecido com seu Candomblé no mesmo local em que se encontrava quando morreu. Muita gente pensa que o Candomblé de João da Goméia foi o primeiro a se estabelecer no Rio de Janeiro mas isto não é verdade. Antes dele já havia o Candomblé de João Lesengue, de Mesquita, de Bancolê, de seu Abedé e de Seu João da Barca, sendo que os dois últimos já haviam morrido. Porém quem, na verdade, puxou a vinda dos baianos e abriu definitivamente o Candomblé no Rio, foi o sucesso obtido por João da Goméia.

Valdemiro, nesta época, era Pai pequeno de muitos filhos de Santo de Seu João. Na verdade, o primeiro Logum Edé tirado na Goméia foi feito por Valdemiro. O rapaz chamava-se Vivaldo Pires de Carvalho e esta vivo, até hoje, para confirmar. Vivaldo é o mais velho Logum feito no Rio de Janeiro. Apesar de tudo, não querendo assumir responsabilidade de Pai de Santo, Valdemiro morava, então, na rua Farnezi e um conterrâneo cismaram de querer ser seu Filho de Santo. Como não queria ser Pai de Santo de ninguém dizia: - “Menino, eu não quero me envolver nisso, não quero e pronto!”. O menino sabia que ele havia raspado o Vivaldo que por sua vez dava a maior força que fizesse aquele Oxalá. O menino insistia, Vivaldo forçava. Olufandê da casa de Bankolê dizia: - “Faça!Faça!Faça!” e aí botei o yaô, junto com Seu Bobó, finada Santa, Dona Teodora de Yemanjá, Changüi da casa de Ciriaco; e fez o Santo do Yaô. Depois, Vivaldo disse: -“Já que botou esse yaô, vamos alugar uma casa, em Caxias, que tenha quintal e vamos fazer um barracão”.

Aí apareceu Francisco de Yemanjá, apareceu Diniz da Oxum, a Lourdes de Ogum e a Ilza de Oxalá que era prima de meu primeiro filho de Oxoguian. Este foi seu segundo barco. As roupas do Santo todas foram emprestadas por seu João da Goméia. O primeiro barco foi o da rua Farnezi quando raspou o Oxoguian de Valobaldo. Sendo assim, o segundo barco com Francisco, Diniz, Lourdes e Ilza saíram na casa da rua 1º de Janeiro, em Caxias. Dali Valdemiro de animou e partiu para comprar o Parque Fluminense onde permanece, até

hoje, o seu Candomblé. Valdemiro Costa Pinto, o respeitado e temido (Hierarquicamente) “Valdemiro” Baiano de Xangô tomou obrigação de sete anos na Bahia pelas mãos de Mãe Matilde (Verdadeira Mãe de Santo da Travessa do Roko da Bahia). Só depois é que voltou e botou seus yaôs, pois naquela época estava brigado com Cristóvão.

Em um determinado momento de sua vida, Valdemiro Baiano rompe definitivamente com o Candomblé de Fon de Cristóvão do Pantanal aderindo ao Ketu de Mãe Menininha do Gantois. Sua amizade com esta grande Mãe de Santo começou desde criança. Desde a infância quando vendia cabeça de boi, e fazia isto para uma mulher que era irmã de Santo de Mãe Menininha. Nesta época, Dona Creuza era muito novinha e Valdemiro tinha total acesso ao Gantois. Ele Trabalhava para Dona Amorzinho, conhecia Creuza e Dona Menininha. Dentro do Matadouro do Retiro só tinha gente feita de Santo e a maioria era do Gantois. Valdemiro sempre teve gana de aprender Candomblé, depois que aprendeu tudo de Fon aderiu ao Gantois de Mãe Menininha.

Raízes Candomblecistas

Neste cenário elucidamos a importância dos Ilés (Casas de Santo), no contexto brasileiro, como “A Casa Branca”, a mais velha Casa do Candomblé do Brasil, “O Gantois”, da mais proeminente figura do Candomblé, Mãe menininha do Gantois, o “Opó Afonjá”, de Mãe Stela de Oxossi, o “Candomblé do Alaketú”, de Mãe Olga de Alaketú, entre outras casas.

No Brasil existem as Nações Ketu, Gege, Nagô e Angola. A Nação Efon deu origem a todas estas, e foi nesta Nação, Efon, que Valdemiro de Xangô foi iniciado. As suas obrigações foram tomadas pelas mãos de Mãe Matilde (Verdadeira Mãe de Santo da Travessa do Roko da Bahia). Em seguida aderindo ao Ketu de Mãe Menininha do Gantois, começa a fazer suas obrigações esta inesquecível Yalorixá. Sua amizade com esta grande Mãe de Santo começou desde criança. Os Ilés têm sua origem na Nação Efón, que indubitavelmente estão ligados ao Axé Oloroké – Casa Matriz no Brasil.

O Babalorixa Valdemiro sempre teve muita sabedoria ao registrar os preceitos do Candomblé, aprendeu tudo de Fon e em seguida aderiu ao Gantois de Mãe Menininha. **Hoje o sacerdote Valdemiro Costa Pinto, Valdemiro de Xangô, é o homem mais velho feito de Santo dentro do Brasil.** Este ano (2005) completou 62 anos de Santo feito podendo dizer que recebeu de quem tinha e podia dar. Fez 77 anos no dia 13 de dezembro e sua religião é o Candomblé.

O relato em questão tem por proposição destacar a grande contribuição prestada pelo Babalorixá Valdemiro Baiano que, oriundo das raízes negras, onde sua história remonta a cultura do povo afro-descendente, estabelecendo-se como um patrimônio cultural vivo através de todo seu conhecimento que por si só representa uma verdadeira jóia do Candomblé. Como Sacerdote de Santo vem se dedicando em prol da luta contra a discriminação racial, preservação do Culto aos Orixás, na defesa da religião do Candomblé e, conseqüentemente, na divulgação e no fortalecimento dos interesses da Cultura Afro-Brasileira e sua Tradição.

III – DIRETORIA E CONSELHO FISCAL

-Diretoria

ITEM	NOMES	CARGOS
01	CÉLIO DE AGUIAR CELSO	Presidente
02	LUIZ FERNANDO DA SILVA	Vice Presidente
03	SÍLVIA CRISTINA DE MENDONÇA	Secretária Geral
04	ELIANE MARIA DOS SANTOS	Primeira Secretária
05	VALQUIRIA GURGITA DA SILVA	Tesoureira
06	REINALDO SANT'ANA	Histórico, Artístico e Cultural
07	CELIMAR DA SILVA FONSECA	Diretora Social

- Conselho Fiscal

ITEM	NOMES	CARGOS
01	PERCIVAL LEMOS DA SILVA	Presidente
02	LIA LUÍZA DA SILVA	Conselheira
03	REINALDO COSTA PINTO	Conselheiro
04	JOSIMAR DIONYSIO DO NASCIMENTO	Conselheiro
05	MIRIAM FELIPPE DAS CHAGAS	Conselheira

IV – AÇÕES DA ATUAL GESTÃO

- Eleição da nova Diretoria
- Elaboração de um novo Estatuto
- Registro no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ)
- Translado dos registros dos documentos anteriores de Niterói para Duque de Caxias
- Conseguimos a isenção do pagamento de IPTU pelo Terreiro
- Inclusão do Terreiro no cadastro da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), do governo Federal, para recebermos cestas básicas que serão entregues a população mais carente do entorno do Terreiro
- Cadastro da Instituição no Centro Estadual de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro (Ceasa), para recebermos mensalmente 50 cestas básicas que incluem frutas, verduras e legumes
- Levantamento de materiais necessários para o tombamento, como fotografias, vídeos, documentos e depoimentos dos (as) mais antigos (as)
- Assessoria gratuita de técnicos e profissionais das áreas de história, arquitetura e direito para produzirem os documentos técnicos necessários para o processo de tombamento
- Assessoria gratuita de um contador para agilizar todo o processo contábil do Terreiro
- Estamos produzindo o Regimento Interno da Diretoria e Conselho fiscal

- Produção de fichas de cadastro dos sócios da Casa, assim como implantação de contribuição mensal para os trabalhos da Casa
- Assessoria de um web design para a criação da página na internet do Terreiro, que ficará pronta até o mês de março do próximo ano
- Criação da assessoria de imprensa para a veiculação de matérias e entrevistas com o Babalorixá do Terreiro na imprensa local e nacional, com o intuito de divulgar sua história e ações que serão desenvolvidas
- Criação do Calendário Anual de Festas, que ficará pronto no início do próximo mês
- Estamos providenciando instalações de iluminação e tratamento paisagístico para a área externa do Terreiro, assim como acompanhando junto a empresa de distribuição de água do Estado do Rio de Janeiro (Cedae), para resolver o problema que se estende por este bairro e que causa falta de água para todos desta localidade
- Em novembro deste ano o Babalorixá responsável pelo Terreiro recebeu da Câmara Municipal de Duque de Caxias, a Medalha Zumbi dos Palmares, prêmio concedido àqueles que se destacam na defesa das questões raciais, religiosas e culturais
- Concessões do Título de Cidadão Duquecaxiense para Babalorixá Valdemiro de Xangô com este título o Sacerdote abrirá mais portas para o recebimento de projetos e benefícios para a Casa
- Estão formatados projetos para o Terreiro nas áreas de cultura, educação, saúde e cidadania, que serão desenvolvidos no próximo ano, que atenderão crianças, jovens e as pessoas da terceira idade
- Será aberta uma conta corrente para o terreiro, para que possamos regularizar nossas finanças e receber contribuições e verbas do país e do exterior
- Assim que os projetos começarem a ser desenvolvidos estaremos providenciando a cessão de utilidade pública municipal, posteriormente estadual e nacional
- Estaremos montando um espaço dentro da área do Terreiro onde funcionará a sede para as reuniões da Diretoria.

V – TOMBAMENTO

O Tombamento significa um conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de preservar, através da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados.

O Tombamento pode ser aplicado a bens móveis e imóveis de interesse cultural ou ambiental, quais sejam: fotografias, livros, mobiliários, utensílios, obras de arte, edifícios, ruas, praças, cidades, regiões, florestas, cascatas, etc. Somente é aplicado a bens materiais de interesse para a preservação da memória coletiva.

O Tombamento pode ser feito pela União através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pelo Governo Estadual através do Instituto Estadual do Patrimônio (INEPAC), ou pelas administrações municipais, utilizando leis específicas (inexistentes em Duque de Caxias).

O Tombamento é a primeira ação a ser tomada para a preservação dos bens culturais na medida que impede legalmente a sua destruição. A preservação somente torna-se visível para todos quando um bem cultural encontra-se em bom estado de conservação, propiciando sua plena utilização.

Qualquer pessoa física ou jurídica, proprietário ou não, pode solicitar a preservação de bens culturais localizados na cidade. O pedido é feito através de correspondência ou ofício em papel timbrado (quando instituição constituída) dirigida à presidência do IPHAN e do INEPAC e protocolado. A correspondência deverá conter as seguintes informações:

- Endereço e localização do bem;
- Justificativa do pedido esclarecendo a importância da preservação do bem;

- Nome e endereço do interessado;

- O interessado deverá indicar nome e endereço do proprietário e fornecer documentação sobre o bem, tais como dados históricos, desenhos (plantas aéreas e baixas), fotografias e vídeos que retratem a história do bem a ser Tombado. Este material facilitará a análise do pedido, agilizando a avaliação e deliberação do processo. Lembrando que os técnicos das instituições dos Governos Federal e Estadual farão suas avaliações.

- Quanto ao IPHAN a Superintendência Regional fará instrução técnica, para posterior avaliação pelo Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização e, subsequentemente, pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural que indica e é homologado pelo Ministro da Cultura.

- Terreiros já tombados no Brasil: Casa Branca (pouco mais de 20 anos). Recentemente foram tombados os Terreiros: Axé Opô Afonjá, Ele Iyá Omim Axé Iyamassé, Bate Folha e Alaketo, todos na Bahia. Atualmente aguardam os estudos necessários: Ilê Axé Oxumaré, Terreiro de Jesus, Ilê Iba Ogum, Omo Ilê Agboula, Tumba Junçara da Nação Angola, Ilê Axé Opô Ajagunã. Futuramente será o nosso.

- O IPHAN tirou como uma das prioridades para o próximo ano os processos de tombamento de terreiros.

- O IPHAN identifica e encaminha para tombamentos terreiros considerados matrizes do culto afro-brasileiro e que representam relevância histórica, etnográfica ou paisagística. Depois o próprio IPHAN encaminha para proteção estadual e municipal dos centros de culto de importância local ou regional que reproduzem ou adaptem o modelo litúrgico implantado por essas matrizes.

- Contatos já foram feitos com o IPHAN e INEPAC e as providências já estão sendo tomadas.

- O tombado facilita quando os serviços são solicitados e melhora no atendimento por parte dos setores públicos. Com a visibilidade oferecida pelo tombamento, líderes espirituais e dirigentes das associações mantenedoras dos terreiros conseguem captar recursos para a execução de projetos com facilidade. Fica proibida a instalação de qualquer construção que venha a denegrir o local. A preocupação não é a harmonização arquitetônica e sim o impedimento de qualquer espécie de interferência no culto. Como as religiões de raiz africana é repleta de ritos secretos existe uma preocupação com a altura das edificações vizinhas para que esses mistérios não sejam ameaçados. Discotecas, casas de shows e outros estabelecimentos capazes de produzir muito barulho também são colocados como inicialmente. O

elemento a ser protegido é muito mais a sacralidade de um sítio do que uma manifestação arquitetônica.

VI – PROPOSTAS DE PROJETOS E AÇÕES

Atividades voltadas à educação formal e informal, como a alfabetização de adultos e crianças e oficinas (workshops) recreativas. Tais oficinas (workshops) podem oferecer, prioritariamente, atividades aos jovens e crianças, como alternativa à vida nas ruas, que os levariam, conseqüentemente, à marginalização.

-Atividades similares às já citadas, inclusive apoiadas pela Unicef. Possuindo, em nossas dependências, uma escola de educação formalmente constituída, conveniada com a rede municipal de ensino.

-Desenvolver atividades, prioritariamente com as crianças, oferecendo-lhes oficinas (workshops) de capoeira, culinária, vestuário, pintura, música e promovendo encontros para estimular participação e envolvimento.

Muitos outros, além desse tipo de promoção, estamos buscando angariar alimentos para fornecer cestas básicas às famílias menos favorecidas, através da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Governo Federal (Seppir) e do Centro de Abastecimento Alimentício do estado do Rio de Janeiro (Ceasa) e com a Secretaria Municipal de Ação Social de Duque de Caxias.

O envolvimento dos líderes do Terreiro de Candomblé com a comunidade onde se encontra instalado precisa ser expressivo, no que diz respeito à prestação de serviços na área sócio-cultural. A nossa casa está localizada num bairro de baixa renda, onde a comunidade não tem fácil acesso a educação formal, atividades culturais, assistência médico-odontológica e nem mesmo a uma alimentação básica digna.

Dessa forma, as práticas desenvolvidas por nós se constituirão em importante instrumento promotores de educação, inserção no mercado de trabalho, ainda que de forma tímida, prevenção e atenuação de doenças, bem como de luta para a superação da auto-estima de uma população colocada à margem da sociedade.

VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível todos construírem uma trajetória no universo pessoal e coletivo, pautado pela capacidade de relacionamento interpessoal e espírito de trabalho em equipe. Acreditamos na objetividade e na dinâmica para a construção dos projetos. É preciso ter habilidade em lidar com as mais variadas informações, capacidade de síntese e acreditar que é possível estimular a todos a exercerem princípios éticos na consolidação de ações importantes e necessários para o desenvolvimento global dos trabalhos do Terreiro e dos indivíduos humanos, seguindo os preceitos que nos é passado pelos Orixás e pelo nosso Sacerdote, querido Pai Valdemiro de Xangô.

É preciso ter habilidades importantes como dinamismo, iniciativa e facilidade de trabalho em equipe, quando vislumbramos melhorar a qualidade

da vida para o coletivo, e estes são pontos que devem se fazer presente em todos nós. No fortalecimento e consolidação das religiões de matriz africana e contra a intolerância religiosa, para a construção da verdadeira cidadania. Tudo isto é necessário para assegurar os direitos de todos os seres. É fundamental que as relações se dêem de forma respeitosa, harmoniosa e amorosa para que as transformações sejam possíveis. Por amor e respeito à vida.

Redação de Sílvia de Mendonça
Secretária Geral
Em 17 de dezembro de 2005